



A escrita de Andradina de Oliveira: testemunho de época

The writing of Andradina de Oliveira: a testimony of the time

Salete Rosa Pezzi dos Santos 

Universidade de Caxias do Sul

srpsanto@ucs.br

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Histórico:

Submissão | Received: 28/09/2021

Aprovação | Accepted: 13/11/2021

Publicação | Published: 19/03/2022



RESUMO

Este artigo discorre sobre a escritora oitocentista sul-rio-grandense Andradina de Oliveira, que se notabilizou não somente pela qualidade e pluralidade de sua produção intelectual, como também pela defesa aos direitos femininos que empreendeu por meio de sua escrita. Pouco reconhecida pela historiografia literária oficial, teve seu nome referendado em revistas e jornais de então, dos quais também participou como colaboradora, entre eles o Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (Lisboa), importante anuário que concorreu para o desenvolvimento da literatura sul-rio-grandense, divulgando escritos de autores oitocentistas.

Palavras-chave: Autora oitocentista sul-rio-grandense, Escrita de vanguarda, Recepção, Almanaque de Lembranças luso-brasileiro, História, História literária

ABSTRACT

This article presents the 19th-century writer from Rio Grande do Sul Andradina de Oliveira, who was noted not only for the quality and plurality of her intellectual production, but also for the defense of women's rights through her writing. Little recognized by the official literary historiography, her name was endorsed in magazines and newspapers of the time, in which she also participated as a collaborator, among them Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (Lisbon), an important yearbook that competed for the development of literature from Rio Grande do Sul, disseminating writings by nineteenth-century authors.

Keywords: 19th century South-Rio Grande do Sul author, avant-garde writing, reception, Luso-Brazilian Souvenir Almanac, History, Literary History

Quando, no século XIX, as nossas primeiras escritoras, timidamente, ocultando-se em pseudônimos, temerosíssimas da opinião, masculina dominante, tentaram publicar suas narrativas, tudo era visto com muita delicadeza como obras de senhoras e equivalendo-se ao crochê, tricot, bordado ou culinária, mas atrás desse artesanato, existiram vozes que se fizeram ouvir até o dia de hoje...

Zahidé Lupinacci Muzart (2011)

1. Introdução

O universo das letras sul-rio-grandenses como também de outras Províncias brasileiras, no século XIX e primeiras décadas do século XX, contou com significativa produção de escritoras, entretanto, historiadores da literatura, com raras exceções, não lhes dedicaram espaço em seus escritos, num processo tão costumeiro, que não ocorria questionar por que mulheres escritoras não eram mencionadas, ou raramente o eram, o que suscitava uma contínua naturalização dessa prática. Constatações como essas derivam de uma série de pesquisas realizadas no país, a partir das últimas décadas do século XX, momento em que a Academia passa a estimular estudos relevantes nessa área, em cursos de graduação e pós-graduação, ensejando iniciativas de resgate de obras de escritoras oitocentistas. Desse modo, foi possível identificar mulheres de letras que conseguiram posicionar-se criticamente em relação às circunstâncias que as cercavam, acreditando poderem cumprir o script para o qual a sociedade as destinava, e, ao mesmo tempo, realizar

outros projetos de vida. Em vista disso, ao lado da produção literária aceita pela crítica oficial, surge um novo cenário cultural brasileiro, constituído por nomes de mulheres que compuseram o quadro literário de escritoras da época, estimulando que mais investigações fossem levadas a efeito, como também se efetivassem outras iniciativas consideráveis para alargar a escrita da história das letras no Brasil. Consoante essas considerações, é importante ter em mente o Grupo de Trabalho Mulher na Literatura, constituído em 1984, assim como a Associação Brasileira de Literatura Comparada, em 1986, que consolidaram a investigação em torno de questões relativas à mulher, sua representação e atuação na literatura como foco legítimo de pesquisa. Esses Grupos de Trabalho surgiram no bojo da ANPOLL, fundada em maio de 1984. A partir da primeira iniciativa de mobilização, que ocorreu na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em julho de 1985, novos e sequentes seminários foram

implementados, expandindo a articulação nacional entre pesquisadores. Assim, em 2015, dando continuidade a essas ações, a Universidade de Caxias do Sul realizou o VII Seminário Internacional Mulher e Literatura e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura, cuja temática versou sobre Mulheres de Letras - do oitocentismo à contemporaneidade: transformações e perspectivas, ocasião em que foram homenageadas as escritoras oitocentistas Luciana de Abreu, Amália dos Passos Figueirôa, Luísa de Azambuja, Revocata dos Passos Figueirôa de Melo, as quais integraram a Sociedade Partenon Literário (1868-1884).

Nesse percurso, mais recentemente, a partir de um edital da CAPES em prol de pesquisas no âmbito da memória brasileira, desenvolveu-se o importante Projeto de Pesquisa “Retratos de Camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses” (2016), sob a coordenação de Maria Eunice Moreira, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e a Universidade de Caxias do Sul (UCS), o qual culminou na publicação da obra Retratos de Camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses (2020), com a organização de Maria Eunice Moreira. Constituíram o corpus dessa pesquisa onze escritoras oitocentistas sul-rio-grandenses que tiveram textos seus divulgados, entre os anos de 1873 e 1903, no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, anuário

editado em Lisboa por um período de oitenta e um anos, de 1851 a 1932, em oitenta e seis volumes, devido a algumas edições suplementares. (SCHLEE, 2014, p. 10). Indiscutivelmente, o feito dessas escritoras foi memorável, uma vez que a literatura sul-rio-grandense tardou a se firmar como tal, só conquistando maior representatividade no momento em que surge, em Porto Alegre, a Sociedade Partenon Literário (1868-1884), uma vez que, antes disso, os intelectuais contavam primordialmente com periódicos que destinavam espaços para suas publicações, surgindo, mais tarde, jornais literários para tal fim. No ano seguinte à sua fundação, a entidade lança a Revista Mensal do Partenon Literário, espaço privilegiado para a edição de textos de letras. Também os discursos proferidos na tribuna do Partenon eram publicados na Revista e tinham por meta a educação, em especial, da mulher, prestigiando o seu papel social, entretanto poucos nomes femininos constam no quadro de filiados.

É importante destacar que, conquanto seja uma das intelectuais que não participou dessa academia, a escritora oitocentista sul-rio-grandense Andradina América Andrade de Oliveira, com seus escritos, suas aulas, suas conferências, trilhou o caminho de notável defensora dos direitos humanos, advogando em defesa da mulher, incitando-a a considerar sua capacidade de luta por direito à educação, ao trabalho fora do lar, ao voto, à cidadania.

2. Andradina de Oliveira: uma voz do sul no cenário das letras

Andradina América Andrade de Oliveira³⁰ nasceu em Porto Alegre, em 12 de junho de 1864³¹ e faleceu em São Paulo, em 19 de junho de 1935. Filha de Joaquina da Silva Pacheco e de Carlos Montezuma de Andrade, iniciou os estudos na escola da escritora porto-alegrense Luciana Teixeira de Abreu (1847-1880). Formou-se no curso de magistério na Escola Normal de Porto Alegre, posteriormente, Instituto de Educação General Flores da Cunha - o mais antigo liceu de ensino secundário e de formação de professores da cidade. Quando falece o pai, a família passa a viver em Rio Pardo com os parentes maternos e lá, ainda jovem, casa-se com o paraibano Augusto Martiniano de Oliveira, oficial do exército brasileiro, Alferes do 12º Batalhão de Infantaria de Rio Pardo. Em 1888, quando falece o marido, Andradina assume a responsabilidade de manter o lar, e sua formação no magistério lhe permitiu trabalhar na área, além de dedicar-se à literatura e ao jornalismo. Andradina também foi conferencista, biógrafa, teatróloga, poeta, contista, romancista, e, muito cedo, suas obras vinham a público, marcando sua trajetória no universo das letras. De acordo com Flores (2007, p. 16-17), no período entre 1915-1920, Andradina de Oliveira e a filha Lola de

Oliveira empreendem uma viagem cultural, percorrendo o Uruguai, a Argentina, o Paraguai e também o estado de Mato Grosso. Enquanto a autora proferia palestras e conferências, a filha comercializava suas telas e ministrava aulas de desenho e pintura. Assim, o trabalho intelectual lhes valeu a subsistência, fato não comum na época em relação ao comportamento feminino, caracterizando-se a atuação da escritora pela coragem e espírito de vanguarda. Flores (2007) ainda informa que, após esse período, mãe e filha residem temporariamente em Jaú, transferindo-se, posteriormente, para Ribeirão Preto, município do interior de São Paulo, local em que Lola estreia nas letras com a obra *Ametistas* (1922). No prefácio da obra, transparece a emoção de Andradina, que fala não somente para a artista, mas principalmente para a filha:

Minha filha

Vai sozinha com as tuas Ametistas! Elas têm um brilho doce e triste e não ofuscarão o lampear entontecedor das estrofes peregrinas dos lapidadores da rima. As tuas Ametistas são singelas como a tua grande alma de artista. Vai, minha adorada companheira de Arte e de Saudade, sozinha com os teus versos! Se na tua estrada os espinhos te ferirem os pés mimosos, lembra-te que tens o peito de tua mãe para

³⁰ Encontram-se diferentes designações para a escritora, tais como Andradina de Oliveira, Andradina América Andrade de Oliveira, Andradina América de Andrade(a) e Oliveira, Andradina de Andrade e Oliveira.

³¹ Também ocorrem divergências quanto à data de nascimento da escritora: FLORES, H. A. H. (2011), e SCHUMAHER, S. e BRAZIL, É. V. (2000) apontam a data referida neste texto. SCHMIDT, R. T. (2004) indica a data de 12 de junho de 1870, e VILLAS-BÔAS, P. L., a data de 12 de julho de 1878.

*repousares a tua fronte sonhadora e
haurires novas forças para a luta... (In:
FLORES, 2007, p. 17).*

...

Sem maiores notícias dessa época, sabe-se que Andradina de Oliveira foi presa durante a Revolução Constitucionalista de 1932, o que desencadeou insanidade mental, levando-a à morte em 1935, aos 71 anos de idade, na cidade de São Paulo.

De acordo com registros, a escritora auferiu uma educação primorosa, o que é possível atestar em seus escritos. No romance *O perdão*, por exemplo, observa-se o uso de vocábulos da língua francesa, permeando, principalmente, a fala da narradora, como também o conhecimento da música erudita europeia pelos membros da família Souza. Quando as filhas do fazendeiro Leonardo de Souza – todas habilidosas musicistas, juntamente com o pai e a mãe Paula – organizam um programa para o concerto familiar, obras de Mozart, Rossini, Donizetti, Chopin, Wagner, Gounod dão vida às vozes e aos instrumentos musicais. Depois de interpretar a Ária das joias, da ópera *Fausto*, de Charles Gounod, Estela – a primogênita do clã – é aplaudida com entusiasmo pelos familiares, enquanto o pai lhe diz: "Se fosses para o teatro nem Haricléé Darclée³² nem Patti³³ te excederiam." (OLIVEIRA, 2010, p. 51). Termos do francês também estão presentes em outras produções da escritora, bem como se verifica a

familiaridade com filósofos, escritores, juristas, pensadores estrangeiros e brasileiros e figuras da mitologia. É possível, apenas para citar alguns, deparar-se com filósofos como Diógenes (Grécia, 413-327 a. C.), Auguste Comte (França, 1798-1857), Friedrich Nietzsche (Alemanha, 1844-1900); com escritores como Alphonse Lamartine (1790-1869), Honoré de Balzac (1799-1850), George Sand (Aurore Dupin, 1804-1876), Alexandre Herculano (1810-1877), Fiodor Dostoiévski (1821-1881), Henrik Ibsen (1828-1906), Émile Zola (1840-1902), Antônio Coelho Rodrigues (1846-1912). Destacam-se ainda elementos mitológicos, como na obra *Divórco?*, que são usados para evidenciar argumentos, presentes não só na abertura – "Às mulheres e aos homens do meu país" – com que a escritora conclama seus leitores a lerem aquelas páginas, como também nas cartas que compõem a obra. A exortação é uma defesa enfática ao divórcio, com argumentação que incita os leitores a abrirem o livro sem medo, pois "é um livro moral." [...] "É vã toda a grita que contra ela [questão do divórcio] levantam os conservadores, tropeçadamente arrimados ao bordão das velhas convenções. Causa dó a sua argumentação falha em prol da indissolubilidade matrimonial que vai fazendo, para muitos casais, do leito conjugal, o leito de Procusto." (OLIVEIRA, 2007, p. 28). Na carta 16 da mesma obra, Clotilde, ante a angústia da filha Anita que se descobre traída pelo marido, escreve-lhe e lhe pede que reflita sobre a posição

³² Hariclea Darclée (1860-1930), famosa soprano de origem romena.

³³ Adelina Patti (1843-1919), renomada cantora de ópera italiana.

da mulher separada na sociedade brasileira que “é um Argus para a desquitada nessas condições, principalmente se ela é pobre.” (p. 108). Lembra que até os assassinos, os monstros de crimes passionais, voltam da casa de correção e são “acolhidos carinhosamente pela sociedade!... Mas a desquitada... Para esta há a repulsa eterna!... [...] E há de, neste suplício de Tântalo, ir morrendo aos poucos, da morte mais triste, a morte da alma...” (p. 110). São conhecimentos que facultaram à escritora oferecer aos leitores uma escrita inteligente, instigante e sempre atual.

Considerando-se, presentemente, a produção intelectual da ficcionista, é natural que se legitime assegurar-lhe um lugar no cenário das letras, embora não tenha sido referendada por muitos historiadores literários brasileiros. São pesquisadores de renome, que fizeram parte de um contexto no qual não se reconheceu a capacidade da mulher para as letras. Entre outros, citam-se Araripe Junior (1848-1911), Sílvio Romero (1851-1914), José Verissimo (1857-1916), Ronald de Carvalho (1893-1935), João Pinto da Silva (1889-1950), Lúcia Miguel-Pereira (1901-1959), Nelson Werneck Sodré (1911-1999), Alfredo Bosi (1936-2021). João Pinto da Silva, em sua obra *História literária do Rio Grande do Sul* (1930), enfatiza não haver, “nos fastos da atividade espiritual do Rio Grande do Sul”, nenhum nome expressivo de prosadores e poetas e direciona seu reconhecimento ao

Partenon Literário, fundado em Porto Alegre, aos 18 de julho de 1868, desconsiderando produções já realizadas até essa ocasião, como as de Andradina de Oliveira, editadas no século XIX. Também é interessante retomar o ocorrido com a pesquisadora Lúcia Miguel-Pereira que, em 1951, publica o artigo “As mulheres na literatura brasileira”, no qual menciona a *História da literatura brasileira*³⁴, de Sílvio Romero, frisando o lugar restrito reservado às escritoras. É notória a percepção de Miguel-Pereira em relação aos estudos literários brasileiros que continuavam a privilegiar a produção intelectual masculina. Apesar dessa lúcida constatação, quando, em 1957, é publicada a segunda edição de sua obra *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*³⁵, Miguel-Pereira corrobora o comportamento de outros historiadores literários, uma vez que o espaço que destina às escritoras mulheres é irrisório. A obra apresenta um período de cinquenta anos de história da literatura brasileira, época em que Andradina de Oliveira estava intelectualmente ativa, no entanto não se encontra nenhuma referência à escritora. E isso chama especial atenção, levando-se em conta que, no prefácio dessa edição, a autora esclarece ter procurado tornar esse escrito muito mais informativo, corrigindo possíveis falhas anteriores.

O historiador Guilhermino César, em sua clássica *História da literatura do Rio Grande do Sul* (1956), refere Andradina de Oliveira entre outros escritores “que

³⁴ Levantamento literário que abrange a vida intelectual do Brasil desde o período de formação de nossa literatura até fins do século XIX.

³⁵ A edição *principis* data de 1950.

incidentemente escreveram teatro, nas diferentes fases por que este passou no Rio Grande...” (1956, p. 267). Quando o pesquisador fala do grupo regionalista, cita-a como autora da obra *O perdão* (1910), todavia não é apontada no grupo de autores naturalistas, em que são privilegiados nomes como Raul de Villeroy e Mário Santos. Regina Zilberman, em sua obra *A literatura no Rio Grande do Sul* (1992), apresenta a ficcionista em apêndice do livro, no qual aparecem data, fatos da história do Rio Grande do Sul, autores da Literatura Brasileira, autores sul-rio-grandenses e suas produções, e Andradina de Oliveira aparece no quadro com três obras: *Preludiando* (1897), *A cruz de pérolas* (1908) e *O perdão* (1910).

Percebe-se que estudos atuais são determinantes para trazer ao conhecimento a história e a trajetória intelectual de mulheres oitocentistas, desmentindo o que filósofos como Fichte (1762-1814), Hegel (1770-1831), Comte (1798-1857) propalavam sobre a incapacidade intelectual da mulher. Investigações efetivadas sobre Andradina de Oliveira, por Rita Terezinha Schmidt (2004, p. 839-840) e Hilda Agnes Hübner Flores (2007, p. 21-22), indicam, entre outras realizações da escritora, as obras publicadas no período entre 1878 e 1935, quais sejam: *Antônio conselheiro*, Porto Alegre, 1878 e São

Paulo, 1935 (drama encenado em Porto Alegre, em 1902, pelo Conjunto do Centro Artístico “Furtado Coelho”); *Você me conhece?* Rio Grande, RS (comédia estreada em 1889); *O sacrifício de Laura*. Rio Grande, RS (drama estreado em 1891); *Preludiando*. Rio Grande, RS, 1987, 170 p. (contos); *Viúva e virgem*, 1902 (drama); *Berço vazio*. Porto Alegre, 1902 (drama); *Pensamentos*. Porto Alegre, 1904 (contos); *A mulher rio-grandense: escritoras mortas*³⁶. Porto Alegre: Americana, 1907 (sínteses biográficas com retratos); *Cruz de pérolas*. Porto Alegre: Americana, 1908 (narrativas breves - Medalha de Ouro em Exposição Nacional do Rio); *Contos de Natal*. Porto Alegre: Americana, 1908 (literatura infantil); *O perdão*.³⁷ Porto Alegre: Americana, 1910 (romance); *Divórcio?*³⁸ Porto Alegre: Universal, 1912 (tese social); *O abismo*. Porto Alegre: Universal, 1912 (romance); *Consuelo*. Porto Alegre, 1915 (romance). Ainda registram a participação da autora em antologias: “Última noite de outono”. In: CARVALHO, Nelly Rezende e KRUG, Guilhermina. *Letras rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1935. p. 159-61; “À margem do Guaíba”. In: MACHADO, Antônio Carlos. *Coletânea de poetas sul-rio-grandenses*. Rio de Janeiro: Minerva, 1952. Também são apresentados títulos de conferências, tais como: “As cataratas do Iguaçu”; “A mulher não é inferior ao homem”; “A mulher através dos tempos”; O mar; e

³⁶ Schmidt (2004, p. 837) destaca que a obra apresenta a biografia de: Delfina Benigna da Cunha, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, Revocata dos Passos Figueiroa e Melo, Rita Barém de Melo, Luciana de Abreu, Maria Benedita Bormann, Maria Josefa Barreto, Marie Helena da Câmara Andrade Pinto, Leocádia Grecco, Luísa Cavalcanti Filha e Alaíde Ulrich. Andradina, com essa obra, tornava conhecida a atividade feminina neste extremo sul do país.

³⁷ Em 2010, foi publicada a “Edição comemorativa dos 100 anos da primeira edição” pela editora Mulheres (Florianópolis), com a organização de Rita Terezinha Schmidt; orelhas Salete Rosa Pezzi dos Santos; fixação do texto e notas Rosane Saint-Denis Salomoni e Anselmo Peres Alós

³⁸ A segunda edição de *Divórcio?* ocorreu em 2007, pelas editoras Ediplat (Porto Alegre) e Mulheres (Florianópolis), com a organização de Hilda Agnes Hübner Flores.

coletânea de artigos publicados no
Escrínio, intitulada *Em defesa da mulher*.
Além disso, outros escritos lhe são
atribuídos, embora não apresentem dados
completos de imprensa: Brasil; *A
condenada* (romance); *Folhas mortas*
(poesia); 14 de julho; *A outra* (romance);
Pátria e Bilac; *O dia e os dias*. Schmidt
(2004) e Flores (2007) ainda assinalam
títulos inéditos como: *O grande amor*
(romance); *A crucificada* (romance); *Uma
xícara de café*; *Contos infantis*; *Das minhas
memórias*; *Livro de saudade*; *Crônicas
femininas*; *Poucos versos*; *Dramas*; *Babel
de uma alma*; *O Rio Grande do Sul*.

A autora ainda se destaca ao participar em
diferentes revistas e jornais, tais como
Corymbo (Rio Grande), *Correio do Povo*
(Porto Alegre), *Jornal do Comércio* (Porto
Alegre), *Almanaque Estatístico e Literário
do Rio Grande do Sul* (Pelotas), *A Violeta*
(Cuiabá), *Folha do Norte* (Pará), *A
Mensagem* (São Paulo), *Echo do Sul* (Rio
Grande), e no já referido *Almanaque de
Lembranças Luso-Brasileiro* (Lisboa). Das
páginas desse último, recolheu-se o soneto
de Andradina de Oliveira, “À hora do
crepúsculo”, no qual o eu-lírico extravasa
sua tristeza, fala da solidão da alma e
pranteia a perda da mãe, a quem julga
contemplar no trono de Deus (*Almanaque
de Lembranças Luso-Brasileiro*, ano 1900,
p. 238, CD, p. 279):

*Quando a noite desprende o negro
manto*

*Sobre a terra que engolfa-se em
tristeza,*

*Eu sozinha contemplo a natureza,
Sentindo deslizar na face o pranto.*

*Alguma ave amorosa solta o canto
E volve ao doce ninho com tristeza,
Onde os filhos, em toda a gentileza,
A prendem com amor ardente e santo.*

*Minh'alma, palpitante de saudade
Recorda-se na triste soledade,
D'alguém que passou rápido na vida...*

*Imersa em aflitivo sentimento,
Sobe ao trono de Deus meu
pensamento
E julga contemplar-te, ó mãe
querida!...*

No ano seguinte, no mesmo anuário,
Andradina publica um texto em que
homenageia a poetisa sul-rio-grandense
Ibrantina Cardona (1868-1946) com
palavras elogiosas, exaltando seu valor
pessoal e artístico, do qual se destacam, a
seguir, alguns excertos:

*Nome vibrante, cheio, simpático, que
mais parece um pseudônimo, é o de
uma inspirada poetisa, de uma ilustre
brasileira. Ilustre pelo seu formoso
talento, pelos seus dotes morais, pela
sua culta educação. [...] Portadora do
precioso dom da simpatia, D. Ibrantina
Cardona cativa, à primeira vista, pela*

fidalgua do seu porte, pela beleza do seu rosto juvenil, pelo trato ameno. [...] Aos dezesseis anos, Ibrantina vibrou a lira de ouro e a sua ardente imaginação desferiu os primeiros voos. Em 1888, estreou a linda rio-grandense, no delicado jornal literário Crespúsculo, que se publicava na cidade de Florianópolis, revelando-se, desde logo, um temperamento genuinamente artístico e firmando os seus créditos de poetisa. [...] Em fins do ano passado, a ilustre rio-grandense publicou o seu primeiro livro de versos: Plectros. A auspiciosa estreia veio logo colocá-la a par de Francisca Júlia da Silva, Zalina Rolim, Narcisa Amália, Julieta Monteiro e outras já sagradas no batismo das letras. [...] Não posso fazer a sua crítica: as minhas insignificantes habilitações não permitem que me abalance a tão difícil tarefa. Direi, simplesmente, que aquelas duzentas e poucas páginas, que formam o belíssimo livro Plectros, impressionaram-me... [...] Canta o Amor, a Saudade, a Gratidão, todos estes nobres sentimentos que se aninham num coração moço, ardoroso e puro! Das suas poesias líricas encantam as seguintes: “No chalet”, “Violetas”, “Partida” e outras. “Primavera” é um adorável soneto! “Reuerdo”, uma página íntima de impressionante sentimentalidade, que nos confrange a alma numa doce volúpia de saudade amarga... até o pranto... Em conclusão: Plectros é um formosíssimo livro. Ibrantina tem ante si uma estrada juncada de louros; percorra-a desassombradamente, que no céu da Poesia o seu nome terá o brilho de uma estrela de primeira grandeza! (Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, ano 1901, p. 273-276, CD, p. 197-198).

Provavelmente, no século XIX, de acordo com Buitoni (1986, p. 40), não houve no Brasil, “nenhuma folha ou revista feminina

que não apresentasse parte literária.” Além dos textos literários, algumas também exibiam artigos sobre a condição da mulher e noticiário cultural. Sintonizada com os acontecimentos da época, Andradina de Oliveira funda o periódico *Escrínio*, em 02 de fevereiro de 1898, na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul. Desde o editorial do primeiro número do *Escrínio*, evidencia-se que o semanário surgia como espaço para que mais mulheres tornassem públicas suas letras:

*Surge também como um incitamento à mulher rio-grandense, convidando-a a romper o denso casulo de obscuridade e vir à tona do jornalismo trazer as pérolas de sua cultivada inteligência! O *Escrínio* aparece como um verdadeiro propagandista da instrução, do cultivo do espírito feminino. A mulher deve ser instruída, deve ser educada... (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 72).*

Palavras como essas testemunham a pertinácia da escritora e de outras mulheres oitocentistas em não aceitar passivamente o seu não lugar na sociedade de então. “Um pequeno grupo pioneiro de feministas brasileiras proclamou sua insatisfação com os papéis tradicionalmente atribuídos pelos homens às mulheres”, afirma Hahner (1981, p. 25-26). E continua: “Principalmente por meio de jornais editados por mulheres, agora esquecidos, surgidos nessa época nas cidades do centro-sul do Brasil, elas procuravam despertar outras mulheres para seu potencial de autoprogresso e para elevar seu nível de aspirações.” Com a fundação do *Escrínio*, Andradina de Oliveira, mais uma vez, atestava sua coragem, principalmente porque isso estava acontecendo numa cidade do

interior do sul do país, no século XIX. Sem dúvida, é um acontecimento marcante para as letras femininas do Rio Grande do Sul. Com o lema “Pela Mulher”, o periódico foi editado também em Santa Maria e Porto Alegre, sendo sua publicação interrompida por ocasião da morte do filho da escritora, Adalberon de Oliveira, que não resistiu à tuberculose. É um período de extremo sofrimento para Andradina, patente nas páginas do livro *Cruz de pérolas*, coletânea de narrativas breves, publicado em 1908. São páginas permeadas por uma voz narrativa que deixa vir à tona a emoção, em especial, em “Última noite de outono”, escrita junto ao leito do filho, na noite de 20 de junho de 1906. É quando os sentimentos tomam dimensão agônica, evidenciados em passagens como esta:

*Há dor na fúria do vento... há dor no
estragalhamento dos frangalhos das
vestes vegetais!...*

Última noite de outono!

*A orquestração da tempestade é cada
vez mais lúgubre, assombradamente
lúgubre...*

*Alguém passa gemendo sob o peso da
água... Vai encharcado... Que frio! que
frio... que frio!*

*E neste silêncio horrído e cruciante... e
nessa noite de vigília atroz... vigília que
vem vindo de quase três centenas de
noites... noites de uma longura
despedaçadora, onde o meu coração
de mãe vai se desfazendo em
lágrimas... como em sangue vão se
desmanchando os pulmões dele... do
filho infinitamente amado... neste
silêncio medonhamente dolorido... e
nessa vigília medonhamente trágica...
em que ele... o pobrezinho repousa...
(OLIVEIRA, 1908, p. 73).*

Nessas linhas, Andradina não disfarça a própria voz e deixa transparecer sua dor; chora não só a morte do filho, mas de todas as perdas que a vida lhe infligiu. Em 1909, o *Escrínio* reaparece com outra formatação, a de revista “ilustrada, literária, artística, científica, educativa e noticiosa.” (FLORES, 2007, p. 12). Andradina é a redatora, secretariada pela filha Lola de Oliveira, que também era responsável pela ilustração. Na ocasião, contou com colaboradoras de diferentes lugares, como as renomadas feministas Mariana Coelho e Inês Sabino. Flores (2007, p. 13) ainda nomeia as cronistas “Cândida Fortes Brandão e Mariana Noronha, a feminista catarinense Delmina Silveira, a educadora lusitana Mariana Coelho, radicada em Curitiba, a romancista-feminista Clotilde do Ceará, a chilena Rodilena Ferreira...” A historiadora menciona também a participação de Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, fundador e proprietário do *Correio do Povo*, e de Zeferino Antônio de Souza Brasil, “príncipe dos poetas”.

Andradina de Oliveira sempre se intitulou feminista, e o jornal *Escrínio* foi uma das valiosas ferramentas de que se valeu para defender os direitos da mulher, assinando temas revolucionários como o ‘heroísmo feminino’, envolvendo a questão da previdência social, ainda inexistente no Brasil (FLORES, 2007), a educação renovada, a premente necessidade de instaurar o divórcio amplo no país, entre outros. A autora publica no periódico um

longo artigo, em que analisa a história feminina, evidenciando a opressão imposta a mulheres através dos tempos, sem esquecer de destacar aquelas que alcançaram êxito. Na verdade, a autora publicava notas sobre os feitos de

mulheres do país e do mundo, pelas quais suas leitoras eram informadas a respeito das conquistas femininas, possivelmente acreditando que mais mulheres seriam motivadas a lutar por seus direitos.

3. Andradina de Oliveira: escrita e recepção

Embora não contando com o reconhecimento da historiografia literária brasileira, as realizações de Andradina de Oliveira alcançaram o respeito de seus pares literatos, que expressavam sua admiração e prestavam-lhe homenagens, através de registros em diferentes jornais e revistas de então, como também na antologia publicada pela poetisa e pesquisadora sul-rio-grandense Alzira Freitas Tacques (1956).

Por ocasião da jornada cultural realizada por Andradina de Oliveira e a filha Lola de Oliveira, ao passarem por Cuiabá, a revista local *A Violeta* (30.11.1917) registra a sua chegada como ‘Madame’ e ‘Mademoiselle’, tratamento de deferência destinado a pessoas notáveis. A receptividade foi tão marcante, que Andradina e Lola permaneceram na cidade de novembro de 1917 a setembro de 1919. (FLORES, 2007, p. 17).

Também a revista *A mensageira* (1897-1900), fundada e dirigida por Presciliana Duarte de Almeida, em São Paulo, prestigia a participação de Andradina de Oliveira em suas páginas, destacando sua produção

intelectual em diferentes momentos, anunciando o lançamento de obra literária ou o recebimento de números do *Escrínio*, ou ainda ressaltando seu contributo em outros periódicos. Em uma das notícias da seção “Notas pequenas”¹⁰, a revista informa ter recebido livros de autoras, entre eles o da ficcionista: “Nada menos de tres livros, – e livros de senhoras! – nos foram enviados nestes últimos dias: *Preludiando*, livro de contos de d. Andradina de Oliveira, oferecido às escriptoras brasileiras; *Luctas do Coração*, ultimo romance de Ignez Sabino e *Phantasias*, versos e contos de Candida Fortes.” (A Mensageira, 1987, p. 239). O escritor Damasceno Vieira, colaborador da revista, considera que os livros recebidos são obras de arte e sentimento, “livros firmados por auctoras rio-grandenses”, e complementa: “É nosso dever transmitir á litteratura do Norte a noticia d’esses trabalhos que revelam esforço e dedicação ao progresso das letras e são producções tanto mais dignas de animações e de estimulos quanto se impõem a commentarios...” (VIEIRA, A Mensageira, 1987, p. 341). Em outra nota da revista,

¹⁰ As citações retiradas da revista *A Mensageira* (1987), incluindo-se as do escritor Damasceno Vieira, serão transcritas, obedecendo-se à grafia original.

“Recebemos e agradecemos”, Andradina é agraciada com estas palavras: “O *Escrinio*, hebdomadário literario que, sob a direcção da talentosa prosadora Andradina de Oliveira, se publica na cidade de Bagé, E. do R. G. do Sul. Os numeros que nos foram enviados estão repletos de artigos vigorosos e interessantes.” (A Mensageira, 1987, p. 240). Além disso, a revista publica um conto da obra *Preludiando*, “O armador”, que a escritora dedica a Julia L. de Almeida e a Adelina L. Vieira (p. 328-333). São páginas em que a voz narrativa descreve detalhadamente cenários e personagens, em especial, o protagonista, singularizado com traços característicos do Naturalismo.

Com o título “*Preludiando – Contos de D. Andradina de Oliveira*”, Vieira divulga um estudo sobre a obra, considerando importante, antes de falar dos aspectos intelectuais, apresentar aos leitores detalhes fisionômicos da escritora. Para tal, afirma, bastava-lhe transcrever o que se lia a respeito no *Corymbo* (1883-1944) de 13 de junho de 1897, o que significa que também esse periódico prestigiou a autora, com apreciações como: “Espírito moderno, superior, liberto de todas essas vaidades e pretensões que fazem o apanagio das educações caducas e defeituosas, captiva com a llaneza de um trato franco onde sua alma acariciadora mostra-se tal qual é, completamente nua de atavios.” (VIEIRA, A Mensageira, 1987, p. 342). O primeiro aspecto que o crítico considera em seu parecer a respeito de *Preludiando* é o “desassombro” como Andradina se refere ao livro na diminuta introdução, em que

explica o motivo pelo qual optara por apresentá-lo sem prefácio: “...a pleiade de talentos feminis [vinte e seis escritoras] a que o dedico servir-lhe-á de poderosa égide” (A Mensageira, 1987, p. 343), a que Damasceno replica de forma categórica:

Não precisa D. Andradina que tantos nomes lhe sirvam de égide: a aceitação que almeja para seu primeiro livro está no merito da propria obra. Os contos que constituem o Preludiando são produções que não só enchem de justo desvanecimento a quem as imaginou e escreveu, como honram as letras patrias. Não é trabalho futil, só architectado por amor a vangloria litteraria; mas fructo das meditações e das vigílias de quem tem o culto do bello, a religião da Fôrma, e dispõe de imaginação que lhe dá cunho de originalidade. (VIEIRA, A Mensageira, 1987, p. 343).

Percebe-se o apuro das ponderações de Damasceno Vieira, conduzindo sua apreciação de forma diligente, em que aponta aspectos importantes da obra, o que evidencia não só a seriedade com que faz essa análise, como também o respeito pelos escritos da literata. O crítico destaca alguns contos, nomeando seus títulos, e ressalta: “Serve de pequenino fecho de ouro ao aveludado *escrinio* de joias um conto de fadas, verdadeira poesia em prosa”, o qual transcreve nas páginas de A Mensageira (A Mensageira, 1987, p. 344-345). Vieira acredita que tanto Coelho Neto quanto Catulle Mendès não desprezariam considerar o conto como seu, e exorta Andradina a continuar escrevendo, pois as “letras patrias têm o direito de o exigir da auctora estreante.” Além disso, Damasceno

valoriza a participação de Andradina no *Jornal do Comércio*, de Porto Alegre, afirmando: “Nessa gazeta, firmou nome de estudiosa cultora das letras em uma serie de artigos de combate que produziu, intitulados *Defeza da Mulher*, em fins do anno de 1890.” Nesses escritos, informa Damasceno, fez calar alguém que criticou a volubilidade da mulher, “pela firmeza e logica de seus argumentos, e demonstrando ao mesmo tempo dispôr de serios estudos de gabinete que lhe garantiram completa victoria.” (VIEIRA, A *Mensageira*, 1987, p. 342-343). Para o autor, esses textos circunscreviam Andradina entre as escritoras brasileiras de “mais talento”.

Como já sublinhado, o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* foi um periódico que abriu espaço para a literatura sul-rio-grandense, contribuindo sobremaneira para a divulgação de escritos de autoras oitocentistas. Muito antes de historiadores da literatura brasileira reconhecerem seu valor, o Almanaque o fez, com a publicação dessas produções.

A poetisa sul-rio-grandense oitocentista Anália Vieira do Nascimento, uma das mais proficuas colaboradoras do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, publica nessas páginas o poema “Avante”, em 1893 (p. 181, CD p. 225), dedicado “À escritora rio-grandense D. Andradina de Oliveira.” São versos que distinguem a autora, exaltando seu mérito e incitando-a a prosseguir, dos quais transcrevem-se alguns:

Qual fêrvida amazona combatente,

*Sem vacilar sequer,
Inscreveste no gládio refulgente
Defesa da mulher!
[...]
Inspirada aos fulgores do talento,
Em luta desigual,
Fizeste triunfar o sentimento
- Nosso grande ideal!
[...]
Eia! Prossegue com ardor pujante,
Cultora do ideal,
Rendilhando na frase coruscante
Teu mérito real!*

*Defensora gentil de nosso sexo,
Que marchas a sorrir,
De minh'alma recebe um terno
amplexo
E arroja-te ao porvir!*

Evidencia-se, nesses versos, a admiração que Anália Vieira do Nascimento dispensava à atuação de Andradina na luta em defesa da mulher, destacando seu talento e denodo.

“*Escrínio*. Revista literária dedicada à mulher rio-grandense” é o título de uma nota publicada pelo Almanaque, em 1901 (p. LXXIX, CD p. 191), em que se lê:

A talentosa escritora D. Andradina de Oliveira iniciou em 1898, na cidade de

Bagé, a publicação do Escrínio, que, depois de um período de involuntária interrupção, reaparece [...], propondo-se prosseguir, cheia de fé e de coragem, na sua propaganda feminista. Ninguém mais competente para este empreendimento de que a ilustre directora do Escrínio cuja pena elegante e enérgica se tem salientado com brilhantismo [...]

Ainda no ano de 1901, no mesmo periódico, publica-se “D. Andradina de Oliveira”, uma biografia de Andradina de Oliveira, assinada por Anônimo. É apresentada como “a talentosa escritora brasileira” que descende de ilustres linhagens paterna e materna. Ao longo dessas páginas, o autor fala de acontecimentos como a morte do pai, do casamento ainda muito jovem, do segundo casamento, da sua acurada educação, da frequência a “curso distintíssimo”. Lembra que a autora colaborou na “imprensa rio-grandense e em muitos jornais do Brasil. Em 1897 publicou seu primeiro livro – *Preludiando* – [...] recebido com grandes e merecidos elogios pela imprensa do país e que contém verdadeiros primores.” Além disso, informa que a edição esgotou em quinze dias no Rio Grande do Sul, sendo homenageada pelas damas rio-grandenses que lhe ofereceram “uma pena de ouro”. Em relação ao *Escrínio*, aponta o vigor de Andradina que sustentou acesas polêmicas, além de destacar demais talentos a respeito da escritora: “Virtuosa distinta, a nossa biografada não só é pianista de merecimento, mas canta com primor, auxiliada pelos recursos da sua belíssima voz...” Ao final do texto, reforça-

se o respeito do autor pela atuação de Andradina:

Se a esta dezena de volumes [refere-se às obras já publicadas] juntarmos os inúmeros artigos na imprensa jornalística, sobre variados assuntos de literatura, polêmica e propaganda feminista, crônicas e folhetins humorísticos, poesias dispersas e ainda as fadigas do professorado, e os hors d'oeuvre do seu diletantismo artístico, poderemos formar tal ou qual ideia da ânsia de trabalho, variados talentos e corajosa iniciativa da jovem e gentil escritora. (Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, p. 209-211, CD p. 195-196).

Da mesma forma, a poetisa e pesquisadora sul-rio-grandense Alzira Freitas Tacques, na obra *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*: antologia de escritores brasileiros e estrangeiros (1956), apresenta a escritora como uma artista “de imaginação poderosa, seus voos eram de uma graciosidade delicada, trazendo sempre [...] as asas pintalgadas das mais rútilas gemas do sentimento e da emoção.” (TACQUES, 1956, p. 705). Também transcreve o soneto “À margem do Guaíba”, que apresenta um cenário noturno à beira do rio e um excerto da obra *Divórcio?*, observando que se trata de “um trecho que se agiganta pela eloquência e que serviria até hoje como um brado de alerta...” (p. 706). Outro destaque importante de Tacques é a homenagem que Otilia de Oliveira Chaves, por ocasião de sua posse, presta a Andradina de Oliveira, patrona da Cadeira número 11 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (ALFRS, fundada em 1943). Chaves

(apud TACQUES, 1956, p. 706), entre outras coisas, afirma: “Seus maravilhosos dotes tornaram-na simultaneamente contista de imaginação e sensibilidade,

polemista, biógrafa, dramaturga, oradora, jornalista e poetisa”, ressaltando que a homenageada ombreia com grandes nomes da literatura.

4. Considerações Finais

O desenvolvimento do Projeto de Pesquisa “*Retratos de Camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses*” (2016) constitui-se em relevante contribuição não só para atualizar a escrita da história da literatura sul-rio-grandense, como também brasileira. Esse trabalho ensejou retomar a trajetória de ilustres escritoras oitocentistas sul-rio-grandenses, mulheres de letras que participaram ativamente do meio cultural da época, escrevendo no campo literário como também no jornalístico, sendo algumas delas fundadoras de prestigiosos periódicos. Andradina de Oliveira, entre elas, fez história devido a sua produção intelectual e por sua atuação como líder feminista na esfera sociocultural do final do século XIX e início do XX, no Rio Grande do Sul.

Graves acontecimentos marcaram a vida de Andradina: torna-se órfã de pai aos cinco anos de idade, tendo que acompanhar a família em busca do amparo de parentes, abandonando a cidade onde nascera; casa-se muito jovem e, ainda em meio aos estudos, o marido falece, e ela torna-se a responsável pela família; um pouco mais tarde, perde também a mãe. Outra dor profunda a aguardava, quando acontece a morte inexorável do filho Adalberon, aos

vinte anos, que não logrou vencer a tuberculose. No entanto, um atributo que sempre a caracterizou foi a perseverança, e isso a impulsionou a vencer obstáculos para granjear a sobrevivência familiar, a superar a dor pelas perdas sofridas, e a sobrepujar os caminhos tortuosos que a impediam de trilhar uma carreira como intelectual, expandindo essa luta para a defesa de tantas outras mulheres que não podiam fazê-lo ou que não acreditavam ser capazes de tal ato.

O empenho pela conquista de um lugar no universo das letras levou Andradina a enfrentar restrições e, apesar de todos os preconceitos, pleiteou participar do processo cultural e literário do século XIX e início do XX. Inegavelmente, a presença da escritora nesse contexto social e cultural é firmada por um legado de luta por direitos humanos, pela defesa de uma educação renovada, pela emancipação feminina mediante o acesso à educação e ao trabalho fora do lar. Suas obras literárias, suas conferências, seus artigos, sua participação na imprensa da época, tudo comprova a determinação que conduziu a ação da escritora, que merece ter seu nome validado e inserido na História da Literatura Brasileira

BIBLIOGRAFIA

- Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. In: CHAVES, V. P. (2014). (Org.). O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Porto Alegre: Gradiva.
- A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira (1987), diretora Presciliana Duarte de Almeida. Edição fac-similar / com comentários de Zuleika Alambert. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria do Estado da Cultura. Reprodução em livro, dois volumes, da Revista Literária publicada de 1897 a 1900, na cidade de São Paulo.
- ARARIPE JR. (1963). Retrospecto literário do ano de 1893. In: COUTINHO, A. (Dir.). Obra crítica de Araripe Jr. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa, v. III.
- BOSI, A. (1994). História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix.
- BUITONI, D. S. Imprensa feminina. São Paulo: Ática, 1986.
- CARVALHO, R. de (1984). Pequena história da literatura brasileira. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória.
- CESAR, G. (1956). História da literatura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo.
- CHAVES, V. P. (2014). (Org.) O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro.
- FLORES, Hilda A. H. (2007). Andradina de Oliveira: a feminista. In: OLIVEIRA, A. Divórcio? Organização Hilda A. H. F. Porto Alegre: Edplat; Florianópolis: Mulheres.
- HAHNER, J. E. (1981). A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937. São Paulo: Brasiliense.
- MIGUEL PEREIRA, L. (1951). As mulheres na literatura brasileira. ANHEMBI, ano V, n. 49, v. XVII, dez.
- MIGUEL-PEREIRA, L. (1973). Prosa de ficção: de 1870 a 1920. História da Literatura Brasileira, v. XII. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL.
- MOREIRA, M. E. (2020). (Org.). Retratos de Camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses. Coleção Rio-Grandense, n. 36. Lisboa: CIDH; Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense.
- MUZART, Z. L. (Org.). Escritoras brasileiras do século XIX: antologia. v. II. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v. I, 2000; v. II, 2004; v. III, 2009.
- OLIVEIRA, A. (1908). Cruz de pérolas. Porto Alegre: Americana.
- OLIVEIRA, A. (2007). Divórcio? Organização Hilda A. H. F. Porto Alegre: Edplat; Florianópolis: Mulheres.
- OLIVEIRA, A. (2010). O perdão. Organização Rita T. S.; orelhas Salete R. P. dos S.; fixação do texto e notas Rosane S. S. e Anselmo P. A. Florianópolis: Mulheres.
- SCLHEE, A. G. (2014). O presente e o passado de um almanaque. Prefácio. In: CHAVES, V. P. (Ed.). O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Gradiva. p. 7-24.
- SCHMIDT, R. T. (2004). Andradina América Andrade de Oliveira. In:

BIBLIOGRAFIA

- MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.). Escritoras brasileiras do século XIX: antologia. v. II. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 835-859.
- SCHUMAHER, S.; BRAZIL, É. V. (2000). Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Zahar.
- SILVA, J. P. História literária do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1930.
- SODRÉ, N. W. (1965). O naturalismo no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- TACQUES, A. F. (1956). Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros: antologia de escritores brasileiros e estrangeiros. v. 1. Porto Alegre: Editora Thurmman.
- VERÍSSIMO, J. (1999). História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Erechim: Edelbra.
- VILLAS-BÔAS, P. L. (1991). Dicionário bibliográfico gaúcho. Porto Alegre: EST, Edigal.
- ZILBERMAN, R. (1992). A literatura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto.